IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

NARRATIVAS DE MULHERES AUTISTAS DIANTE DE UMA REPRESSÃO MACHISTA ESTRUTURAL

Eixo Temático 52 - Gênero e sexualidade em foco: interseccionalidade e desafios de populações marginalizadas e estigmatizadas.

Vithoria Garcia Lima [1]
Rai Vitor Gonçalves Moreira Lima [2]
Sibelly Martins Miranda [3]

RESUMO

Este trabalho se desenvolve a partir de um recorte de estudos realizados em um trabalho de conclusão de curso de pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande, onde foi investigado sobre as vivências de estudantes autistas e superdotados. A partir do destaque aparente sobre os aspectos vinculados a gênero, nesta atual escrita buscou-se compreender as narrativas de mulheres autistas estudantes desta universidade, no objetivo de compreender como elas percebem o diagnóstico, os desafios enfrentados, suas estratégias de adaptação ao longo da vida e os impactos do machismo estrutural nas visibilidades e invisibilidades de suas existências enquanto mulheres com uma deficiência invisível, utilizando como referencial teórico a filosofia pós-estruturalista.

Palavras-chave: Autismo; Mulheres; Patriarcado; Invisibilidade.

INTRODUÇÃO

Historicamente, o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi construído com base em estudos voltados a meninos, o que gerou lacunas significativas na identificação e compreensão do autismo em mulheres. Muitas vezes, mulheres autistas recebem o diagnóstico tardiamente e enfrentam dificuldades não apenas na obtenção de apoio institucional, mas também no reconhecimento de suas próprias identidades, ainda que o transtorno não opere em toda sua subjetividade. Segundo Bargiela, Steward e Mandy (2016), mulheres autistas frequentemente aprendem a

[1] Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, raivitorlima@gmail.com;
[2] Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, vithoriagarcia@gmail.com;
[3] Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, coautor2@email.com;

mascarar comportamentos desde a infância, internalizando sentimentos de inadequação e desconexão: "elas desempenham um papel social para parecerem neurotípicas, o que exige grande esforço emocional e pode resultar em sofrimento psíquico" (Bargiela et al., 2016, p. 3281).

A universidade, como espaço de construção de saberes e subjetividades, também opera como um campo de normalização. As exigências de desempenho, produtividade e sociabilidade muitas vezes entram em conflito com as formas de existência das pessoas autistas. Para as mulheres autistas, esse embate se complexifica com a pressão social para que performem uma feminilidade normativa, cuja inteligibilidade depende da adequação a certos modos de agir, sentir e expressar-se. Judith Butler (2003), ao problematizar as normas de gênero, afirma que "os corpos só se tornam inteligíveis quando assumem uma forma que reflete as expectativas culturais" (p. 24). Assim, uma mulher autista que não performa o gênero de forma legível — seja por sua linguagem corporal, suas formas de interação ou sua sensibilidade sensorial — tende a ser lida como desviante ou inadequada, tanto no âmbito acadêmico quanto social.

A partir dessa constatação, o presente trabalho tem como objetivo compreender como mulheres autistas universitárias experienciam o diagnóstico, enfrentam os desafios cotidianos e constroem estratégias de adaptação em um contexto atravessado pelo machismo estrutural e pelo capacitismo. Busca-se refletir sobre como essas mulheres produzem sentidos sobre si mesmas diante de normas que tentam enquadrá-las e como, muitas vezes, resistem a esses enquadramentos por meio de suas existências e narrativas. O referencial teórico adotado será o pós-estruturalismo, com ênfase nas obras de Michel Foucault, Judith Butler e Wendy Brown, de modo a analisar as formas como o poder, o discurso e a norma operam na constituição das subjetividades e na produção de invisibilidades.

Esta investigação parte de um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), com foco nas narrativas de três mulheres autistas estudantes da instituição. Ao analisar suas vozes, pretende-se contribuir para a construção de um espaço universitário mais sensível às diferenças e mais comprometido com a inclusão real — aquela que considera não apenas o acesso, mas o pertencimento.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, centrada na análise de entrevistas narrativas com três mulheres autistas estudantes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A escolha pela entrevista narrativa como estratégia metodológica fundamenta-se na valorização da experiência vivida e contada pela própria pessoa, permitindo que as participantes construam e deem sentido às suas trajetórias a partir de seus próprios referenciais. A entrevista, neste caso, não se restringe a uma coleta de dados sobre fatos objetivos, mas constitui um espaço de escuta e produção de subjetividade, em que o relato se torna um ato político e existencial.

O embasamento teórico da entrevista narrativa se ancora nos estudos de Alfred Schutz, para quem a compreensão do mundo social deve partir da perspectiva dos sujeitos que o experienciam. Segundo Schutz (1979), é imprescindível que o pesquisador reconheça o valor da interpretação do próprio ator social em relação à sua vivência.

As entrevistas foram realizadas em formato semiestruturado, com questões abertas que incentivaram a livre expressão das participantes. Cada encontro foi gravado com autorização prévia e posteriormente transcrito para análise. A análise das narrativas seguiu princípios inspirados na análise do discurso de matriz foucaultiana, com atenção às regularidades, rupturas, e aos efeitos de verdade presentes nos relatos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica está ancorada no pensamento pós-estruturalista, com ênfase nas obras de Michel Foucault, Judith Butler e Wendy Brown. A partir de Foucault (2006), compreende-se que as subjetividades são construídas historicamente por meio de práticas discursivas e relações de poder. Para o autor, “o sujeito não é uma substância, é uma forma” (Foucault, 2006, p. 42), sendo constantemente moldado pelas normas sociais vigentes.

Judith Butler (2003), ao discutir a performatividade de gênero, destaca que o que se entende por “mulher” é resultado de uma repetição normativa de comportamentos sancionados culturalmente. Nesse sentido, mulheres autistas, cujas expressões de gênero nem sempre se alinham às expectativas sociais, tornam-se alvo de questionamentos e exclusões. Butler afirma que “a matriz heterossexual impõe inteligibilidade ao gênero” (2003, p. 24), o que torna ilegítimas as experiências que escapam dessa lógica.

Wendy Brown (2006) contribui para a compreensão das formas como o neoliberalismo molda subjetividades ao promover um ideal de sujeito autogerido, produtivo e funcional. Mulheres autistas são pressionadas a performar essa racionalidade, mesmo que à custa de sua saúde mental e autenticidade, mascarando seus traços autísticos para obter reconhecimento social e acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas das três participantes revelam múltiplas camadas de invisibilidade e sofrimento, que se entrelaçam com as normas de gênero, o capacitismo e a lógica neoliberal de desempenho. Dentre os temas recorrentes, destacam-se a sobrecarga cotidiana e a experiência de constante atuação para corresponder às expectativas sociais, especialmente no ambiente universitário.

A participante A expressa com nitidez essa exigência internalizada de sempre "dar conta de tudo", mesmo quando está emocional ou fisicamente esgotada. Em seu relato, ela afirma:

> "Eu tenho que fingir que tá tudo bem o tempo inteiro. Mesmo quando eu não tô conseguindo, eu faço de conta que consigo. É como se não tivesse espaço pra eu parar, pra eu dizer que não dou conta. Porque se eu fizer isso, parece que eu fracassei como mulher, como aluna, como tudo" (Entrevistada A, 2023).

Esse trecho evidencia o que Judith Butler (2003) denomina como sujeição: um processo no qual o sujeito se constitui pela norma, mas também se submete a ela em busca de reconhecimento. A participante internaliza uma lógica de performance e autossuficiência que reflete tanto as exigências da racionalidade neoliberal quanto os padrões idealizados de feminilidade — que associam a mulher à competência multitarefa, à abnegação e à resiliência constante. Como observa Brown (2006), o neoliberalismo transforma todos os aspectos da vida em domínios de produtividade individual, responsabilizando o sujeito por sua capacidade de "dar conta" da vida, mesmo em contextos estruturalmente opressores.

Ainda na perspectiva de performatividade e camuflagem, é importante considerar o conceito de "masking" no autismo, especialmente em mulheres. Hull et al. (2017) destacam que muitas mulheres autistas mascaram seus traços como forma de serem

socialmente aceitas, o que demanda grande esforço psíquico. Fingir que está bem, mesmo quando não está, torna-se parte do script diário de sobrevivência, como aponta a própria participante.

Outra dimensão central que emerge nas narrativas diz respeito aos relacionamentos interpessoais, especialmente os afetivos. A participante C compartilhou um relato comovente sobre sua repetida inserção em relacionamentos abusivos:

> "Eu sempre me envolvi com caras que me tratavam mal. No começo, eu achava que era normal, que era assim mesmo. Depois eu via que era abuso, mas eu achava que ninguém mais ia gostar de mim se eu saísse daquilo. Já me disseram que sou estranha demais, difícil demais. Aí eu ficava, porque pelo menos alguém me queria" (Entrevistada C, 2023).

Este excerto traz à tona as consequências da estigmatização de mulheres autistas, que muitas vezes crescem ouvindo que são inadequadas, frias ou esquisitas — o que pode afetar profundamente sua autoestima e percepção de merecimento afetivo. Quando Butler (2003) afirma que os corpos só se tornam inteligíveis dentro de matrizes normativas, ela aponta para o risco de certos sujeitos internalizarem a ideia de que seu modo de ser está fora daquilo que é digno de amor ou cuidado. A vulnerabilidade a relações abusivas não é uma condição "inerente" ao autismo, mas um efeito das constantes desvalorizações simbólicas e práticas que essas mulheres enfrentam ao longo da vida.

Além disso, os relatos evidenciam como o machismo estrutural atua em camadas profundas da subjetividade, fazendo com que essas mulheres questionem seu próprio valor e naturalizem formas de violência emocional e simbólica. A lógica patriarcal, como lembra Foucault (2006), não opera apenas pela repressão, mas também por meio da produção de discursos e normas que moldam o que se pode ser e sentir. Os efeitos disso são visíveis nos modos como essas mulheres narram suas vidas — entre a necessidade de resistir e a dificuldade de romper com estruturas que as violentam.

Esses e outros relatos demonstram como a vivência da deficiência, quando atravessada por gênero, produz formas específicas de sofrimento e estratégias complexas de adaptação. As mulheres autistas entrevistadas não apenas enfrentam a ausência de políticas inclusivas nas universidades, mas também precisam negociar constantemente com um mundo que insiste em invalidar seus modos de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas revela que as mulheres autistas enfrentam um duplo processo de invisibilização: por serem mulheres em um sistema patriarcal e por viverem com uma deficiência invisível em uma sociedade capacitista. As estratégias de camuflagem, embora eficazes em garantir alguma aceitação social, acarretam sofrimento psíquico e dificultam o acesso a apoios adequados.

O diagnóstico, ainda que libertador em certos aspectos, não garante visibilidade nem direitos plenos. Ao contrário, muitas vezes funciona como mais uma categoria de exclusão. A normatividade de gênero, aliada à lógica neoliberal de autogerenciamento, intensifica a precarização das existências dessas mulheres.

Este trabalho reitera a importância de se pensar a interseccionalidade entre gênero e deficiência dentro das instituições de ensino superior, propondo a construção de políticas inclusivas que considerem as singularidades das mulheres autistas e promovam o reconhecimento de suas subjetividades para além das normas hegemônicas.

REFERÊNCIAS

BARGIELA, Sarah; STEWARD, Robyn; MANDY, William. The experiences of late-diagnosed women with autism spectrum conditions: An investigation of the female autism phenotype. Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 46, n. 10, p. 3281–3294, 2016.

BROWN, Wendy. As ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. A vontade de saber: História da sexualidade I. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

HULL, Laura et al. “Putting on My Best Normal”: Social Camouflaging in Adults with Autism Spectrum Conditions. Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 47, n. 8, p. 2519–2534, 2017.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia do mundo social: introdução à sociologia compreensiva. Tradução de José Arthur Giannotti e Reinaldo Guarany. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.